



Na escola Setor Leste, os alunos se dividem sobre a importância do Enem: nenhuma instituição de ensino superior do DF adotou o exame como parâmetro para selecionar candidatos

Enem ainda enfrenta resistência

Aumenta interesse de universidades pelo exame como forma de selecionar candidatos, mas os estudantes se mantêm reticentes

Lisandra Paraguassú
Da equipe do **Correio**

A principal pergunta é: fazer o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) para quê? Instituída no ano passado, a avaliação criada pelo Ministério da Educação ainda é uma incógnita para a maioria dos estudantes que está terminando o 2º grau. As inscrições foram abertas esta semana e algumas perguntas básicas estão na cabeça de possíveis candidatos: a prova serve para entrar em alguma universidade? Para conseguir algum emprego? O que eu faço com o resultado?

As respostas ainda não estão bem claras para os principais alvos do exame — os alunos —, mas o Enem já começou a conquistar adeptos no país. Se em 1998, quando teve a primeira edição, o exame não garantia nem mesmo alguns pontos no vestibular de qualquer instituição, este ano já são 22 escolas que irão usá-lo pelo menos em parte de sua seleção.

“Temos certeza que neste ano aumentará muito a inscrição, justamente porque temos a adesão de escolas importantes”, diz Maria Inês Fini, coordenadora do Enem no Instituto Nacional de Pesquisas e

Estatísticas em Educação (Inep).

A maior parte das instituições irá usar o teste como uma fase de seu processo de seleção. Algumas reservarão 20% das vagas para quem obtiver média acima de 7 no Enem. Outras, como a Universidade do Grande ABC, em São Paulo, substituíram a primeira fase do vestibular pelo exame.

“O Enem testa habilidades e competências, e não conteúdos específicos”, explica Maria Inês. “Não poderia substituir uma prova de conhecimento específico, mas poderá ser uma ótima primeira fase.”

A Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), um dos vestibulares mais concorridos do país, também aderiu ao Enem. O teste será usado como parte da nota da primeira fase. Quem fizer o exame terá sua avaliação usada como o equivalente a um quinto da nota. “Esperamos com isso fazer com que o vestibular da Unicamp consiga atingir um público que antes ficava de fora”, diz Angelo Cortelazo, pró-reitor de graduação.

A intenção da universidade é fazer com que estudantes que antes não se aventuravam na seleção da Unicamp — considerada difícil —

EXAME NACIONAL DE ENSINO MÉDIO	
O QUE É Uma prova, aplicada em agosto, que avalia a formação dos alunos do 2º grau.	COMO É A PROVA São 63 questões objetivas envolvendo todas as disciplinas, e uma redação
QUEM FAZ Todos os que estão se formando ou já se formaram no 2º grau.	ONDE SE FAZ A INSCRIÇÃO Agências dos Correios
QUANDO É A PROVA 29 de agosto de 1999	TAXA DE INSCRIÇÃO R\$ 20,00
QUANDO É A INSCRIÇÃO de 7 a 18 de junho de 1999	INFORMAÇÕES Na internet: http://www.inep.gov.br Por telefone: 0800 616161

façam o Enem e, se tiverem um bom resultado, criem coragem para tentar o vestibular. “É uma forma também de abriremos uma perspectiva na vida da pessoa”, explica Cortelazo. “Ela pode descobrir que tem mais condições do que pensava.”

No entanto, usar o Enem para entrar na universidade é uma possibilidade praticamente restrita aos estudantes que moram em São Paulo. Das 22 instituições que irão usar o exame este ano, 10 são paulistas. As outras são as Universidades Federais do Paraná, Ouro Preto (MG), Lavras e de Pelotas (RS), e a Universidade da Amazônia (PA).

PREÇO

No Distrito Federal, nenhuma instituição ainda mostrou interesse no

assunto. “Nós introduzimos há pouco tempo uma mudança profunda, que foi o Programa de Avaliação Seriada”, explica Mauro Rabelo, da Comissão de Seleção da Universidade de Brasília (UnB). “Acredito que não é hora de fazermos outra alteração.”

Isso deixa os alunos do DF com ainda mais dúvidas sobre fazer, ou não, o exame. “Eu acho interessante, mas é ruim porque não tem universidade aqui, e eu não quero fazer faculdade fora”, diz Fernanda Cristine Ribeiro, 17 anos, aluna do 3º da escola Setor Leste. Assim como seus colegas, Fernanda tem poucas informações além de um folheto que foi distribuído nas salas de aula.

“Nós sabemos muito pouco ainda, mas o que eu achei pior foi o preço”, explica Adriana Gouvêa, 17 anos, da

mesma turma. “Se fosse de graça ia ter mais gente fazendo.” Ao contrário das meninas, ainda indecisas, Vinícius Nunes, 18 anos, já definiu que fará a prova. “Essa prova envolve coisas mais atuais, mais formação geral, mais raciocínio”, diz. “É o melhor jeito de saber o quanto eu aprendi e quanto preciso me preparar.”

Esse é, na verdade, ainda o maior incentivo para se fazer a prova. Em uma tarde, com 63 questões, é possível se saber o quanto realmente se aprendeu em 11 anos de escola. “É como o Enem avalia habilidades e competências, pode servir como um bom orientador educacional”, explica Maria Inês Fini. Quem for se sair melhor nas áreas de redação e construção de argumentos, por exemplo, poderia ser jornalista ou advogado, e desistir da engenharia.

Um outro ponto que ainda está para ser testado, mas em que o ministério está apostando, é o uso do Enem pelo mercado de trabalho. “Temos alguns contatos preliminares, mas ainda não fechamos nada”, diz Maria Inês.

Ou seja: por enquanto, se vale ou não a pena pagar os R\$ 20 e fazer a prova, depende dos interesses do estudante. Quem estiver disposto a testar a si mesmo, tem no Enem um bom instrumento. Aqueles que precisam de um incentivo a mais para gastar uma tarde de domingo estudando, terão que esperar que mais universidades e empresas se interessem pelo resultado do exame.